

## A história pública, os novos espaços e o ensino de História

Gabriele Lessa de Araújo<sup>i</sup> 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

1

### Resumo

Este artigo tem como finalidade refletir acerca da história pública e dos novos espaços de aprendizagem e de comunicação com o conhecimento histórico e sobre o uso de tecnologias digitais como instrumentos facilitadores discorrendo sobre sua relevância no meio educacional, pensando nos desafios e estratégias para superação de problemas e integração dessas ferramentas no ensino como meio de tornar as aulas de história mais dinâmicas e interativas. Partindo do pressuposto de que no mundo globalizado - no qual estamos inseridos -, com pessoas cada vez mais conectadas em que a tecnologia facilita o acesso ao conhecimento e a informação, torna-se indispensável uma boa mediação e compreensão sobre seus usos e possibilidades. Ao final, serão apresentadas algumas considerações sobre a experiência utilizando o Google Formulário como ferramenta propulsora no ensino de História e suas possíveis contribuições no processo de aprendizagem dos alunos do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Tecnologias. História pública. Aprendizagem.

### Public history, new spaces and History teaching

### Abstract

This article aims to reflect on public history and new spaces for learning and communication with historical knowledge and on the use of digital technologies as facilitating instruments, discussing their relevance in the educational environment, thinking about the challenges and strategies for overcoming problems and integration of these tools into teaching as a means of making history classes more dynamic and interactive. Assuming that in the globalized world - in which we are inserted -, with people increasingly connected in which technology facilitates access to knowledge and information, good mediation and understanding of its uses and possibilities becomes essential. At the end, some considerations will be presented about the experience using Google Form as a driving tool in the teaching of History and its possible contributions in the learning process of elementary school students.

**Keywords:** Teaching of History. Technologies. Public history. Learning.

## 1 Introdução

A escrita que segue trabalha na perspectiva de que todo professor historiador tem um pouco de historiador público nas veias, afinal a busca pelo envolvimento do público com o conhecimento é constante, buscamos e utilizamos os mais diversos mecanismos a fim de esclarecer e desenvolver a aprendizagem da melhor forma. A temática surge através da reflexão sobre o ofício do historiador que também é professor acerca das demandas da sociedade atual. O artigo tem a seguinte questão norteadora: como os novos espaços e o uso de ferramentas digitais na perspectiva da história pública podem auxiliar os professores de História na execução de seus objetivos e no desenvolvimento de um trabalho mais dinâmico e envolvido com as questões atuais? Pensando ainda nas potencialidades dessas ferramentas para a exploração das mais diversas temáticas nas aulas de história.

Levar para sala de aula debates sobre questões que chegam ao público de maneira autônoma através da interação em espaços sociais, combater ideias falseadas embasadas no conhecimento histórico de maneira errônea, é contribuir para uma compreensão crítica e sistematizada das informações que são veiculadas, visto que a relação entre o público e a produção historiográfica modificou-se bastante ao longo do tempo principalmente com o advento da internet e a intensificação do uso no contexto de pandemia devido ao isolamento e a impossibilidade das relações presenciais. Malerba (2017) fala sobre a importância de uma reflexão acerca do papel do historiador profissional e o seu envolvimento em meio a essa conjuntura em que os meios de comunicação acabaram por democratizar a divulgação de ideias

Num primeiro momento, a relação historiador/ historiografia/público há de se ser colocada em perspectiva histórica, no sentido de que tanto os sujeitos desse tripé quanto os meios (as mídias) de sua conexão variaram em cada tempo/espço considerado. Em segundo lugar, no contexto dessa relação nos dias atuais, o advento dos meios digitais, nomeadamente a internet, alterou dramaticamente os elementos constituintes do trinômio. Por fim, neste quadrante, em que a prática historiadora extravasa para além dos circuitos institucionais tradicionais de tal modo a se questionar o próprio sentido da história como disciplina acadêmica, a reflexão sobre o papel social do historiador profissional impõe-se com fragorosa urgência (MALERBA, 2017, p. 136).

A sociedade atual conta com um avanço tecnológico que surpreende a cada dia, os nossos alunos hoje estão inseridos em inúmeros espaços de interação e aquisição de conhecimentos, e na maioria das vezes os recebem com autonomia sem maiores esclarecimentos sobre tudo que envolve o processo de elaboração das mídias. A história pública é apontada por Almeida (2011) como um campo variado e sofisticado que vem ganhando cada vez mais destaque nos debates historiográficos, um campo que dialoga com o tempo presente, que trabalha com desenvoltura numa sociedade extremamente midiaticizada e conectada.

Malerba (2017) desenvolve uma discussão muito interessante acerca da relação historiador/historiografia/público e suas variações ao longo do tempo. Com o advento da tecnologia, contexto de pandemia e intensificação do uso das redes sociais, o conhecimento passa a ser praticado por um grupo cada vez mais amplo e consequentemente a audiência também passou por um processo de expansão, e o que temos atualmente são pessoas que manifestam interesses por uma história menos engessada, para além das instituições, com materiais e metodologias diversificadas capazes de instigar a interação mas que requerem uma preocupação maior por parte dos especialistas.

Percebe-se, no entanto uma relação muito forte entre o digital e a história pública “A história não mais se produz somente na academia, muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado.” (MALERBA, 2017, p. 142). Esses espaços se mostram cada vez mais democráticos no sentido de que qualquer pessoa é capaz de emitir sua opinião sobre determinado fato histórico baseado nas suas próprias convicções ou interesses particulares “Cada vez mais pessoas interessadas em fazer sentido do passado voltam-se à história como espaço de experiência para guiar sua ação ou para utilizar esse conhecimento como arma política no presente.” (MALERBA, 2017, p. 146)

Fóruns *online*, *blogs*, dispositivos portáteis, aplicativos celulares, *tablets*, mídias sociais e uma incontável gama de plataformas digitais têm facilitado um maior grau de “envolvimento do usuário” (*user engagement*), em que qualquer pessoa com acesso à *web* é capaz

de contribuir para a compreensão sobre o passado (MALERBA, 2017, p.143).

Neste cenário torna-se importante compreender os mecanismos que envolvem todas essas questões pois ao mesmo tempo que a tecnologia democratiza ela lança uma provocação [...] e desafia a nós, historiadores profissionais, a praticarmos nosso ofício de maneira viva e engajada, como sói ser o trabalho desses novos contadores de histórias que têm cativado a atenção do grande público. (MALERBA, 2017, p. 147).

Malerba ainda questiona se é possível que tenhamos perdido o domínio ou a autoridade sobre o conhecimento que é veiculado, e o fato é que nós precisamos ocupar mais esses espaços virtuais e desempenhar com destreza um papel que pertence principalmente ao historiador profissional, enquanto estes não ocuparem o espaço que lhes é devido ficam somente as críticas aos que fazem história sem a formação adequada, mas com mecanismos capazes de encantar aquele que recebe o conteúdo.

Definir história pública não é uma tarefa tão simples, no livro *Introdução à História Pública* sob organização de Almeida e Rovai na parte intitulada “O que é história pública?”, Jill Liddington coloca que “[...] o estudo de história pública está ligado a como adquirimos nosso senso de passado - por meio da memória e da paisagem, dos arquivos e da arqueologia (e por consequência, é claro, do modo como esses passados são apresentados publicamente).” (ALMEIDA, 2011, p. 34). Podemos considerar que as transformações ao longo do tempo alteraram a forma como divulgamos e adquirimos conhecimento, se antes o livro era o principal veículo, hoje a internet e tudo que contempla o mundo virtual vai muito além da escrita ofertando diversas formas de divulgar esse conhecimento, seja através de vídeos, blogs, filmes, postagens, imagens, jogos, redes sociais e muitas outras possibilidades.

É necessário reconhecer que interagir mais e compreender esses novos espaços vem se tornando essencial para o desenvolvimento de uma história mais dinâmica e engajada em relação as demandas sociais que se apresentam principalmente nas escolas e que nos desafiam à reinvenção de nossas práticas

“São plausíveis alguns dos argumentos de que a interface do computador e a internet ampliam as fontes e os recursos para o trabalho docente, bem como dinamizam o processo pedagógico com o estudante.” (HERMETO, 2021, p. 19), isso não é fazer apologia ao uso da tecnologia, é reconhecer que as ferramentas tecnológicas e os novos espaços têm muito a contribuir caso sejam bem aproveitados. O que entra em discussão no presente trabalho não é o uso em si da tecnologia e dos novos espaços, mas a apropriação feita pelo mediador.

## 2 Metodologia

Antoine Prost (2020, p.131), em seu texto intitulado “Os conceitos”, aponta que “Eles refletem a realidade e, ao mesmo tempo, dão-lhe forma ao nomeá-la.” (PROST, 2020, p.131). É interessante aqui dialogar sobre o conceito de tecnologia não no sentido de defini-lo, mas para utilizá-lo de maneira contextualizada, visto que a abordagem tem relação direta com o ensino de história compreendendo os novos espaços, a história pública e conseqüentemente o uso de tecnologias. De acordo com o “Dicionário de Conceitos Históricos” (2006), desde a década de 1940, existe um esforço em se tentar definir tecnologia. Na tentativa de um diálogo que melhor se aplique às questões aqui abordadas, convém considerá-la como “[...] um conjunto de conhecimentos específicos, acumulados ao longo da história, sobre as diversas maneiras de se utilizar os ambientes físicos e seus recursos materiais em benefício da humanidade.” (SILVA E SILVA, 2006, p. 386). Porém dessa forma, o conceito mostra-se muito abrangente, sendo necessário analisar separadamente outros dois pontos - técnica e ciência -, visto que ambos estão imbricados e muitas vezes são confundidos como sinônimos

[...] enquanto a tecnologia é um conjunto de conhecimentos práticos sobre como utilizar recursos materiais a favor da humanidade, a ciência seria uma série de conhecimentos teóricos e abstratos para o mesmo fim. A técnica por sua vez, é o esforço prático de dominar e utilizar os recursos materiais, apresentando-se como o conjunto de instrumentos e hábitos que tornam viável a produção e também os instrumentos de trabalho (SILVA E SILVA, 2006, p. 387).

Na “Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação”, Ismar Soares (apud DIEUZEIDE, 1994) irá utilizar a definição proposta por Henri Dieuzeide conceituando as novas tecnologias como um conjunto que compila ferramentas capazes de envolver o aluno com o objeto do conhecimento de maneira interativa, promovendo uma comunicação entre o indivíduo e as mais diversas fontes de conhecimento. São definições que se encaixam perfeitamente a temática do artigo ao considerar a relação tecnologia, história pública e ensino de História.

6

A pandemia veio para alterar e intensificar o processo natural dos acontecimentos. Tratando-se do uso tecnológico, a internet passou a desempenhar papel primordial na vida das pessoas. Compreendendo os eventos como parte de um conjunto em que cada evento novo é responsável por mudanças que afetam todo o sistema, esse processo transformou e deu novos significados às coisas, como bem coloca Milton Santos

Os eventos dissolvem as coisas (C. Diano 1994, p.91), eles dissolvem as identidades, propondo-nos outras, mostrando-nos que não são fixas e por isso, segundo Deleuze (C. Boundas, 1993, p.41), submetendo-nos ao “teste do saber”. Diante da nova história e da nova geografia é o nosso saber que também se dissolve cabendo-nos reconstituí-lo através da percepção do movimento conjunto das coisas e dos eventos (SANTOS, 2017, p. 149).

Ainda na mesma linha, na tentativa de compreender os movimentos e suas consequentes transformações, o conceito de espaço sob a ótica de Élvís Ramos, partindo das obras de Lefebvre, cabe muito bem aqui quando é pensado a partir das relações como condição de existência. São as relações que constituem o espaço. Sem os movimentos, lutas e interações, o espaço, no pensar sociológico, não teria consistência. Quando Ramos fala sobre o espaço em Lefebvre, referindo-se àquilo que é essencial no processo de constituição, ele inclui “[...] as crenças, imaginários e ideologias daqueles que produzem e praticam espacialidade.” (RAMOS, 2021, p. 8). Dessa maneira, espaço e corpo não se diferenciam na abordagem. Assim o espaço seria produto das mais diversas relações, sendo compreendido como um processamento de ideias e concepções. O espaço em Lefebvre não existe sozinho fisicamente, ele é concebido em três dimensões “[...] que são a forma, a estrutura

(ou relacional) e o conteúdo.” (RAMOS, 2021, p.12). Ou seja, ele não é imóvel, é produzido de maneira contínua e envolve objetos, sujeitos e suas mais diversas comunicações.

A reflexão sobre os conceitos de tecnologia e depois de espaço fruto das representações construídas através das relações sociais e suas transformações se mostra interessante para o aprofundamento sobre as mudanças no ensino ao longo do tempo, seus métodos e a necessidade de reinventar-se. Afinal o saber docente é fruto de um processo de formação em constante construção e evolução.

Visto que nossas práticas são resultados de um processo em construção altamente influenciável por vários fenômenos ao nosso redor e em constante curso, conseqüentemente nosso saber se modifica, cabendo-nos adaptá-lo através da compreensão dos novos movimentos e acontecimentos. O isolamento pode ser citado como exemplo de evento no espaço, e nas palavras de Milton Santos “[...] os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes ali mesmo onde estão novas características” (SANTOS, 2017, p.146). Nesse sentido o cenário permanece, mas os homens manifestam novos interesses. O uso das tecnologias digitais no meio educacional e a compreensão acerca dos novos espaços vem passando por um processo de adaptação e se apresentando como essencial para a interação entre as pessoas e o movimento da sociedade.

Em uma pesquisa coordenada pelo Prof. Ismar Soares, no ponto em que aborda sobre a análise de um material publicado pela UNESCO que reflete sobre o processo de inserção e a área de mediação tecnológica, o texto aponta para os possíveis problemas a serem enfrentados

Segundo o documento editado pela UNESCO, como a educação é um processo, ao se introduzir a tecnologia na relação professor/aluno, uma série de novos problemas aparecem, como a tensão, a expectativa, os medos de rejeição e inadaptação (SOARES, 1999, p. 35).

Na continuidade do documento existe um questionamento sobre o que motiva utilizar essas novas tecnologias e a resposta que vem na sequência se ajusta

como uma luva ao que se processa neste trabalho, “[...] Primeiro, porque o imenso desenvolvimento dessa área e suas aplicações na sociedade não mais permitem a educação ignorá-la” (SOARES, 1999, p. 35).

No intuito de explorar sobre as relações “profissionais e tecnologia” e os possíveis problemas a serem enfrentados, convêm aqui trazer alguns pontos problematizados por Norbert Elias, que podem ser aplicados a diferentes variações atreladas a mesma configuração, à indiferença e estigmatização em relação ao novo sem motivação aparente.

8

Para preservar o que julgavam ter alto valor, eles cerravam fileiras contra os recém-chegados, com isso protegendo sua identidade grupal e afirmando sua superioridade. Essa é uma situação conhecida. Ela mostra com muita clareza a complementaridade do valor humano superior – o carisma do grupo – atribuído a si mesmo pelo grupo já estabelecido, e as características “ruins” – a desonra grupal – que atribuía aos outsiders (ELIAS, 2000, p.25).

“Se olharmos para o mundo em geral, não poderemos deixar de observar muitas configurações semelhantes.” (ELIAS, 2000, p. 24). O conjunto de transformações sociais e culturais decorrentes do mundo globalizado e o uso de ferramentas digitais no âmbito educacional por vezes e para alguns também representam ameaça. Fazendo um comparativo ao estudo e análise de Norbert Elias, a tecnologia pode ser comparada aos outsiders. O que poderia auxiliar, apoiar e contribuir acaba sendo estigmatizado, as pessoas se sentem ameaçadas por uma nova demanda consequente do avanço. O sentimento de apreensão pode estar relacionado à insegurança em não dominar os meios ou simplesmente pelo fato de considerá-los “desconhecidos”. De fato, são inúmeros os desafios, porém o controle interno da aversão aliado a uma melhor capacidade de integração e socialização pensando em possíveis soluções para as problemáticas, pode funcionar como ponte no melhoramento das mais diversas relações entre o indivíduo e a tecnologia. Ou seja, adotar uma postura aberta às múltiplas mudanças metodológicas pensando numa integração ao invés da abstenção pode ser essencial, afinal a ação docente é e sempre será desafiadora.

“Como a inovação é permanente, todos os dias acordamos um pouco mais ignorantes e indefesos” (SANTOS, 2013, p. 19). A previsão de Milton Santos se encaixa muito bem no que se refere às perspectivas sobre o que está por vir, embora ele próprio coloque “Dizer o que vai acontecer é sempre audacioso” (SANTOS, 2013, p. 54). “A aceleração contemporânea impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das ideias, mas também acrescentou novos itens a História” (SANTOS, 2013, p. 28). Essa aceleração é fácil de ser visualizada nas mais variadas configurações e por que não pensá-la no âmbito educacional, já que nesse contexto recente fomos postos à prova sob a condição de mantermos o ensino mesmo a distância.

No período em que nos isolamos, as instituições educacionais não pararam. Havia horário, links permanentes para abertura de salas de aulas via Meet, distribuição de e-mails para que os alunos conseguissem acesso. Houve a produção de um variado número de instrumentos que pudesse servir de material de apoio a serem explorados no momento da aula, como: slides, videoaula, jogos e avaliações. Disponibilizamos contatos e formamos grupos de aprendizagem no WhatsApp, aprendemos a utilizar as mais diversas plataformas a fim de proporcionar o aprendizado e dar assistência aos educandos da maneira mais dinâmica possível. Todo material pesquisado ou desenvolvido pelos professores era disponibilizado no Google Sala de aula ou no blog que fora criado para dar assistência aos alunos.

Em meio à necessidade, emerge um modelo de ensino diferente do usual, cheio de estratégias, recursos tecnológicos e utilização de novos espaços virtuais. Dar continuidade à utilização dessas ferramentas em sala de aula no formato presencial, ainda que seja desafiador, mostra-se como fator primordial para o processo de integração, visto que trabalhamos com uma geração habituada, em sua grande maioria, ao meio digital.

“Somente a História nos instrui sobre o significado das coisas, mas é preciso sempre reconstruí-la, para incorporar novas realidades e novas ideias ou, em outras palavras, para levarmos em conta o tempo que passa e tudo muda” (SANTOS,

2013, p. 15). Essa apresentação já era esperada. A tecnologia vem modificando a vida das pessoas no que se refere à economia, produção e relações. Essa evolução também perpassa o meio educacional e recentemente foi experimentada de maneira efetiva. Agora mais do que nunca, vivemos um período promissor, em que incorporar os novos meios, buscar o domínio das mais variadas ferramentas que temos disponíveis acabou por se mostrar essencial. Não se trata aqui de colocar o ser humano como escravo da tecnologia e sim de fazer um bom uso do leque de possibilidades de que dispomos a fim de dinamizar o processo de ensino e melhorar a qualidade da aprendizagem.

A escolha do tema e a produção desse artigo parte de quem muito representa o meio no qual está inserido, que é o ambiente da sala de aula, e o assunto para o qual discorre, que é a questão das metodologias, novos espaços e o ensino de História. Spivak, em seu texto “Pode o subalterno falar?”, ao abordar sobre as classes subalternas e suas representações, argumenta sobre o teórico que não representa determinado grupo pelo qual fala “De fato, o sujeito não é visto como uma consciência representativa (uma consciência que “re-presenta” a realidade adequadamente)” (SPIVAK, 2010, p. 32). E essa questão é pertinente também no meio educativo, quando fazemos leituras de teóricos que falam com “propriedade” de espacialidades nunca vivenciadas de fato.

A autonomia no desenvolvimento de práticas como produção de material didático em um computador só não seria possível caso o professor não conseguisse operá-lo no seu formato mais simples. Esta também é uma problemática que merece destaque. Na “Revista Brasileira de Comunicação Artes e Educação”, ainda sobre o ponto em que aborda a área de mediação tecnológica, Ismar aponta que “Para a UNESCO, poucos países parecem ter dado os passos adequados na capacitação dos educadores na área de novas tecnologias” (SOARES, 1999, p. 37). De fato, a aquisição dos equipamentos é feita. A maioria das instituições possuem o básico para que os profissionais possam desempenhar suas funções fazendo o uso de alguns equipamentos tecnológicos, porém seria interessante a oferta da temática proposta nos cursos de formação, não para o conhecimento de conceitos básicos de

informática e sim para estudo de alguns sites e ferramentas que possam ser pensados e inseridos na prática pedagógica,

“De qualquer forma, o computador está propiciando uma nova forma de ensino/aprendizagem. Segundo Bernard Levrat, a utilização dos computadores vem naturalmente criando “pesquisadores” [...]” (SOARES, 1999, p. 37). A internet como instrumento de pesquisa para a aprendizagem do manuseio das diversas ferramentas foi utilizada como meio de aquisição de conhecimentos das estratégias possibilitadas pelas mídias digitais. Atualmente encontramos materiais disponíveis com diversos modelos, como o Guia de Educação e Novas Tecnologias 2020, em que parte do material aborda sobre a aprendizagem mediada pelas TICs com pequenos textos e sugestões de atividades.

Fica claro, portanto, o esforço desse artigo em despertar no professor o reconhecimento da importância e necessidade do uso de tecnologias digitais no ensino em consequência de suas inúmeras possibilidades e possíveis potencialidades. Como bem pontuou Rená Palloff, “A tecnologia não ensina os alunos; os professores eficientes, sim” (PALLOFF, 2002, p. 87), para deixar claro que não se trata de uma substituição do professor pelo computador e sim uma integração. Trata-se de uma gama de experiências que podem ser desenvolvidas e mediadas pelo professor

Em seu raciocínio Henri Dieuzeide acredita, contudo que tal solução encontra-se ainda nas mãos dos mestres, por ele descritos como “mediadores reconhecidos do saber” que se veem convidados a compartilhar esse monopólio com outros sistemas muito potentes. (SOARES, 1999, p. 38).

O propósito aqui não consiste em depositar no professor a responsabilidade que não lhe compete, como questões de infra estrutura, preparação adequada para o manuseio. Tenho bastante receio de que minhas palavras possam jogar sobre o professor um peso que não lhe é devido, afinal trabalhamos com diferentes realidades e preferências onde cada uma tem seus próprios méritos. O objetivo principal gira em torno do reconhecimento acerca da boa mediação que o professor pode desenvolver utilizando a internet e as possibilidades que as ferramentas

digitais são capazes de proporcionar ao processo de ensino-aprendizagem. A intenção é, portanto, desenvolver estratégias que possam estreitar as barreiras entre os novos espaços, o uso da tecnologia e o ensino de História através da interação e abertura ao novo.

### 3 Resultados e Discussões

12

Em decorrência do período remoto, o processo de ensino apresentou avanços principalmente no quesito metodológico, levando-nos a refletir sobre a necessidade de aquisição de novas práticas. Planejar uma aula com explanação dos conteúdos organizados em slides com imagens e tudo que pudesse somar foi basilar. Muito foi pensado sobre como atingir os alunos mesmo a distância, objetivando levá-los a um contato com os assuntos propostos nos guias de aprendizagem em um contexto em que inúmeras famílias passavam por situações difíceis. O intuito principal do ensino, naquele momento, era fazer com que os conteúdos chegassem aos alunos de alguma maneira. Não convém aqui uma abordagem dos problemas enfrentados, ainda que se mostre de extrema relevância, afinal as condições socioeconômicas influenciaram de forma direta o acompanhamento das aulas, impossibilitando por diversas vezes o acesso às plataformas ou até mesmo aos grupos mais simples de aprendizagem.

O Google Formulário foi uma ferramenta facilitadora no contexto do ensino remoto. Foi utilizado para as mais diversas finalidades, como por exemplo: para estudo de um assunto, dando possibilidade ao aluno de realizar atividades adicionando suas respostas, exploração de questões no formato de múltipla escolha, para análise de informação e marcação de verdadeiro ou falso. Foi bastante utilizado também como ferramenta de teste para avaliação do aprendizado em torno dos conhecimentos que estavam sendo trabalhados.

Partindo ao modelo que será abordado aqui, farei a descrição de uma opção também possibilitada, que é a atividade com características gamificadas, que pode ser considerada uma maneira de apresentar a temática ao público. O conteúdo do exemplo que será demonstrado neste artigo de forma resumida contempla o contexto

da Revolução Francesa até a Era Napoleônica, o mesmo foi explorado em uma turma de 8º ano do ensino fundamental, onde foram elaboradas atividades separadas relacionadas as duas temáticas. A atividade tanto foi explorada em contexto remoto, como posteriormente em contexto híbrido. Os temas das atividades foram intitulados “Eu sou rei” e “General Inverno”, a fim de trabalhar os principais pontos atrelados ao processo revolucionário na França de maneira prática e objetiva no que se refere a apresentação, e também as principais questões relacionadas a Era Napoleônica. É interessante dar ênfase ao prático e objetivo no sentido de que a ferramenta possibilita a exploração dos temas de maneira dinâmica, porém ao longo do processo é possível trabalhar inúmeras questões que serão exemplificadas aqui.

O formulário do Google possibilita ao professor a criação de uma situação como esta: imagine que você é o próprio Luís XVI, monarca francês no século XVIII, e em plena crise e início da Revolução Francesa você terá que tomar uma série de decisões. Vamos lá?! Boa sorte! Muito semelhante à esta, foi elaborada uma proposta relacionada a era napoleônica. De início é possível compreender que é possibilitado ao aluno o conhecimento sobre situações relacionadas aos contextos referidos em que ambos os personagens históricos estiveram à frente, interessante salientar que embora o aluno possa optar por uma decisão entre duas existentes, ambas são de fato decisões ou situação que ocorreram no contexto, dessa forma nenhuma pode ser considerada falsa, sendo uma prática com característica gamificada e não um game em si.

A partir do enunciado, o aluno irá optar por uma série de questões. Para cada problema uma decisão é tomada, e conseqüentemente ele receberá um feedback. A ferramenta também possibilita o uso de imagens. A iconografia escolhida pode ser alguma produção representativa. Pode-se também buscar as próprias imagens presentes no livro didático.

A imagem é uma ferramenta de grande potencial que pode ser usada no desenrolar de cada situação, não no sentido de que ela possa transferir uma ideia confiável acerca dos fatos, mas é possível sim potencializá-la para que ela funcione como mais um suporte metodológico de auxílio no processo de ensino e aprendizagem. É possível desenvolver esse mesmo tipo de configuração voltada

aos diversos assuntos explorados, isso irá depender da capacidade criativa de quem está produzindo a questão.

A atividade pode objetivar o contato inicial dos alunos com o conteúdo, o conhecimento das principais características de um determinado processo revolucionário. Isso irá depender das estratégias e objetivos do professor ao elaborar a atividade. Exemplo: 1 – A França passa por uma crise gravíssima. Os fatores causadores foram: envolvimento na guerra dos sete anos que lhe custou muito recurso, a ajuda ofertada aos EUA na sua guerra pela independência, fora a fome devido às condições climáticas e muitos outros problemas sociais. Na condição de rei, como você irá agir para contornar a situação? Na proposta, o aluno poderá optar por uma das decisões a seguir: aumenta os impostos, encarecendo os preços das mercadorias, para poder conseguir sustentar os gastos da nobreza, ou convoca os Estados Gerais para uma reunião e votação de uma medida que resolva a situação.

A situação apresentada abrange uma série de fatores que ocasionaram a crise francesa. Tratando-se das opções propostas, foram lançadas como alternativas eventos que de fato são condizentes com o processo revolucionário. Isso implica num aprendizado mútuo. O caminho percorrido é guiado, o que possibilita a valoração em relação à escolha das informações que serão utilizadas. Elas não têm o objetivo de conduzir o aluno ao erro. Logo nenhuma decisão será considerada “errada” em relação a pontuação, ou seja, não haverá ganhador ou perdedor.

As questões elaboradas pelo professor propõem um percurso de aprendizado, em que o enunciado, as alternativas e próprio feedback o levarão à aquisição de conhecimentos sobre o contexto explorado, como no exemplo de feedback apresentado a seguir: infelizmente essa não foi uma decisão sábia. Você será capturado e não terá forças o suficiente para sua defesa. No seu cofre, foram encontradas as provas dos acordos com os monarcas estrangeiros. Acusado de traição à pátria, será julgado e executado em praça pública sob chuva de aplausos.

E para finalizar, esse tipo de atividade poderá ser exibida com o auxílio de um equipamento de multimídia com o qual toda a turma poderá interagir, ou até mesmo efetuado individualmente pelo aluno, a partir de sua inserção nos grupos de

aprendizagem de WhatsApp ou no blog da escola. Com um clique, o aluno terá acesso, sem a necessidade de instalação de aplicativo.

**Figura 1 – Exemplo de questionamento sobre o contexto: Revolução Francesa**

2 – A situação continuava desestabilizada, os membros do terceiro estado lançaram uma campanha em favor da votação por cabeça, isto é, por pessoa e não por estado, nesse caso o Terceiro estado era a maioria, cerca de 80% da população. Em reunião diante da situação você: \* 1 ponto



Decide que tudo continuará como antes, voto por estado e não por cabeça.

Cancela tudo e ordena que os deputados do Terceiro Estado se retirem do salão.

Voltar      Próxima      Página 3 de 11      Limpar formulário

Fonte: Organizada por Gabriele, 2021.

**Figura 2 – Exemplo de questionamento sobre o contexto: Revolução Francesa, opção marcada e feedback recebido.**

3 – O caos continua e você precisa decidir o que fazer em relação à Assembleia Nacional, afinal ela representa um perigo a monarquia. Nesse caso você: \* 1 ponto



Decidi reprimir a assembleia.

Decide mandar para a bastilha, sem julgamento alguns adversários políticos (A bastilha era a prisão símbolo do absolutismo).

Voltar      Próxima      Página 5 de 11      Limpar formulário

Muito bem! Esse era um costume do rei, só que infelizmente devido aos seus desmandos, populares com o apoio de soldados invadiram e tomaram a bastilha, prisão símbolo do absolutismo.

Fonte: Organizada por Gabriele, 2021.

**Figura 3 – Exemplo de questionamento sobre o contexto: Era Napoleônica, opção escolhida e feedback recebido.**

5. A Rússia rompeu o boqueio, você respondeu a essa desobediência invadindo o território russo. Daí a um mês chegaria o inverno, o rigoroso inverno russo. Nessa condição qual será o comando? ★ 1 ponto

o comando?



Autoriza imediatamente que os franceses iniciem o caminho de volta.

Resiste por algum tempo a situação na esperança de vencê-la.

Voltar Próxima Limpar formulário

---

Infelizmente dos 600 mil soldados que partiram para a Rússia, somente 30 mil retornaram. Finalmente o "general inverno" venceu o general francês.

Voltar **Enviar** Limpar formulário

Fonte: Organizada por Gabriele, 2021.

Pensando na relação Ensino de História e história Pública, este modelo pode ser uma maneira de apresentar o conhecimento histórico e explorar ao longo do processo vários pontos “A história pública explora e apresenta o conhecimento histórico – em uma variedade de formas – para além dos foros acadêmicos tradicionais” (ALMEIDA, 2011, p. 54) o formulário do google possibilita diferentes maneiras de divulgar e socializar o conhecimento, sendo a história pública “[...] um veículo para ampliar nossa visão do passado através do uso sofisticado e criativo de exposições museológicas, performance teatrais, mídia audiovisual e muito mais. (ALMEIDA, 2011, p. 54).

Este modelo foi enviado aos alunos para que pudessem realizar a atividade e posteriormente ela foi explorada em sala de maneira coletiva, antes de iniciar, alguns questionamentos foram lançados, visto que a maioria já havia respondido anteriormente em casa. Os questionamentos sobre a Era Napoleônica foram os

seguintes: Por que a atividade foi intitulada General Inverno? O que você achou da experiência? O que mais lhe chamou atenção? É possível fazer um relato sobre o que aprendeu baseado na atividade? Após essa parte inicial fomos ao passo a passo, onde o objetivo maior era explorar os seguimentos.

Cada questionamento elaborado juntamente com as opções escolhidas, foram problematizadas resultando em uma aprendizagem bem mais significativa e dinâmica, primeiro porque eles tiveram um contato inicial anteriormente pois a atividade foi lançada no grupo de aprendizagem antes de ser trabalhada em sala, e segundo porque ao explorar em sala houve bastante questionamento, contribuições e demonstração de compreensão acerca do assunto.

No primeiro momento eles começaram questionando sobre a pontuação em relação as escolhas, inclusive na etapa inicial em que eles fizeram sozinhos, mesmo com todas as explicações anteriores recebi várias mensagens em que eles manifestavam curiosidade em saber sobre a pontuação obtida, então mandava áudios explicando novamente. Em sala após compreenderem que não havia uma única opção considerada “correta” que pontuasse em detrimento de outra, eles foram participando de maneira espontânea de acordo com o que haviam marcado quando realizaram a atividade sozinhos, então foi possível concluir que neste formato de exploração do conteúdo a participação no processo foi bem mais intensa se comparado aos modelos de explanação utilizados tradicionalmente.

#### 4 Considerações finais

Estabelecer caminhos que proporcionem a integração dos novos espaços de aprendizagem e inovação das práticas de ensino no contexto atual em que as mudanças ocorrem de maneira cada vez mais acelerada e em todos os âmbitos é um desafio. Refletir acerca da ação docente mostrou-se no desenrolar deste artigo como exercício essencial a comunidade escolar visto que estamos vivendo um período de grandes transformações principalmente quando o objetivo é contribuir para uma formação crítica e atuante. Que fique claro neste artigo que não defendo aqui a necessidade de tornar-se escravo do meio tecnológico “[...] mas mergulhar

em seu universo, “participando” das transformações que opera” (SOARES, 1999, p. 49) agindo dentro das possibilidades e aproveitando em seu favor e em benefício da educação tudo que o campo oferta no objetivo de dinamizar e facilitar a construção do conhecimento histórico.

18

Ismar aponta, como sugestão do pesquisador Edson Garcia, algumas características essenciais ao perfil do novo profissional e dentre essas características ele destaca em um dos itens que é fundamental que esse mediador tenha “[...] capacidade para expressar saberes prévios e mobilizar-se em negociações com novos saberes, especialmente no que se refere aos projetos tecnológicos da sociedade em construção;” (SOARES, 1999, p. 58). O conjunto que engloba professor, historiador e alunos bem como o formato de acesso ao conhecimento passa por transformações sociais, culturais e processos de adaptação ao longo do tempo, e sabemos que a escola tem um papel de extrema importância na formação desta sociedade, portanto a integração do professor historiador aos novos saberes e práticas é essencial para compreensão do mundo e a maneira como o sujeito se posiciona em sociedade. Se a tecnologia ocupa lugar de destaque na vida dos indivíduos de modo geral, ela também merece um olhar diferenciado por parte daqueles que protagonizam a educação para realização de mediações necessárias.

Fica claro, portanto, que o espaço é produto dos movimentos, e a tecnologia digital tem ativa participação nesse processo de produção. A integração mostra-se fundamental. O esforço no domínio e compreensão principalmente no que se refere ao processo que envolve as mídias digitais e utilização dessas ferramentas na prática, bem como o uso do próprio meio como maneira de aquisição de informações podem ser consideradas sugestões válidas, visto que temos disponíveis muitos trabalhos que abordam essas ferramentas como suporte metodológico no ensino e compilam dicas de como utilizá-las para o desenvolvimento de estratégias.

O artigo apresentou de maneira concisa a demonstração sobre uma das possibilidades que a ferramenta gratuita do Google pode proporcionar, que é a atividade usando o formulário com características gamificadas e o seu possível potencial no processo de ensino-aprendizagem a depender da capacidade criativa

na elaboração das questões sempre baseadas no contexto abordado. A atividade pode ser introduzida como estratégia de ensino na prática pedagógica de maneira simples, como suporte de apresentação do assunto, objetivando o contato inicial da turma com o conteúdo nas aulas de História, sendo disponibilizada no blog ou nos grupos de aprendizagem da escola, ou para exploração no formato coletivo por meio de uma leitura dinâmica em sala de aula seguindo e problematizando o passo a passo, tanto no que se refere as situações colocadas, como decisões a serem tomadas e feedback recebido. O formato de realização da atividade utilizando o google formulário conforme foi descrito, contribuiu de maneira bastante positiva para o processo de ensino-aprendizagem.

## Referências

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves Petrópolis: Editora Vozes, 2009, pp. 157-198.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Ensino de história e historiografia escolar digital**. Curitiba: CRV, 2021.

DIEUZEIDE, Henri. **Le Nouvelles Technologies, outils d'enseignement**, Paris, Nathan Pédagogie -UNESCO, 1994.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, pp. 07-50.

PROST, Antoine. **Doze Lições sobre a história**. 2. ed. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

RAMOS, Elvis C. M. O que é a ciência do espaço em Lefebvre? Desdobrando sua genealogia espacial. **Geosp**, v. 25, n. 2, e-181965, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/181965/174453>.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula on-line**. Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. (Aprofundar: O tempo (os eventos) e o espaço pp. 143-170).

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos** – 2. Ed – São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, I. O. . **Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Revista Brasileira de Comunicação Artes e Educação, Brasília - DF, v. 1, n.2, p. 5-75, 1999.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

---

<sup>1</sup> **Gabriele Lessa de Araújo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3594-5624>

Universidade Estadual do Ceará

Mestranda em História, Cultura e Espacialidade. Especialista em Metodologias do Ensino de História, UECE. Licenciada em História pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA).

Contribuição de autoria: o texto completo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2959341213630198>

E-mail: [gabriele.araujo@aluno.uece.br](mailto:gabriele.araujo@aluno.uece.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

**Como citar este artigo (ABNT):**

ARAÚJO, Gabriele Lessa de. A história pública, os novos espaços e o ensino de História. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.